

Sem pressão plenário muda, prevê líder

O líder do Governo na Constituinte, Carlos Sant'Anna, reafirmou, ontem, o entendimento de que as pressões populares pela realização de eleições diretas no próximo ano tornarão irreversível a decisão da Comissão de Sistematização, por um mandato de quatro anos para o presidente Sarney, mas observou que, se essas pressões não ocorreram, tal decisão ainda poderá ser alterada pelo plenário da Constituinte.

Essa hipótese de modificação do que foi decidido domingo último não foi referida nas declarações feitas por Sant'Anna na segunda-feira. Nesse dia ele declarou que "apesar de a Comissão ter um perfil diferente do plenário, a decisão terá uma repercussão na opinião pública nacional que criará uma situação absolutamente irreversível de ser alterada pelo plenário da Constituinte".

Ontem, Sant'Anna fez questão de "esclarecer" que só considerava a decisão imutável se houvesse pressão da opinião pública com vistas à sua ratificação pelo plenário da Constituinte. O líder observou que, enquanto apenas 16 dos 49 peemedebistas que integram a Comissão pertencem à corrente moderada do partido, no plenário essa tendência é amplamente majoritária, e, portanto, receptiva a um novo posicionamento em relação ao mandato presidencial.

Ao mesmo tempo em que fazia essas ressalvas, Sant'Anna continuava a demonstrar que, pessoalmente acredita na concretização das pressões da sociedade, para que a eleição do Presidente seja realizada já no próximo ano.

"A decisão será irreversível se as pressões, como é mais provável, vierem a ocorrer".

Essa preocupação do líder governista em levantar a hipótese de uma mudança no comportamento do plenário tende a alimentar a suspeita existente entre alguns parlamentares, no sentido de que o Governo estaria apenas adotando uma tática de temporização ao transmitir à opinião pública — como fizeram seus porta-vozes, domingo e segunda-feira — a impressão de acatamento à decisão dos constituintes pelo mandato de quatro anos.

Em conversas telefônicas com alguns dos seus correligionários, o ex-governador do Rio, Leonel Brizola, chegou a adverti-los para a possibilidade de Sarney "estar apenas fingindo de morto" e os exortou a prosseguirem a mobilização pelos quatro anos.